

## **Materiais didáticos em Libras: memórias e histórias sobre o Convento da Penha\***

Teaching materials in Libras (Sign Language):  
memories and stories about *Convento da Penha*

Arlene Batista da Silva<sup>1</sup>  
Ademar Miller Junior<sup>2</sup>  
Miriam Brito Simões<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo objetiva descrever e refletir sobre as diversas etapas de produção de material audiovisual em Libras para alunos surdos do Ensino Fundamental I. Trata-se de uma pesquisa aplicada cujos pressupostos teóricos ancoram-se nos Estudos da Tradução (ARROJO, 1992; SOBRAL, 2008) em interface com os estudos de Bakhtin (2003) sobre gêneros discursivos. Tomou como objeto de análise o processo de produção de um material didático em Libras sobre o Convento da Penha que será disponibilizado para o ensino de alunos surdos. Os resultados evidenciam a necessidade de conhecimentos interdisciplinares que envolvem o campo da tradução, da educação, das artes visuais e do audiovisual para a produção qualitativa de materiais didáticos em Libras.

**Palavras-chave:** Libras. Convento da Penha. Material didático. Aluno surdo.

**Abstract:** This study aims to describe and reflect on the various stages of production of audiovisual material in Libras (Sign Language) for deaf students of Elementary School I. It is an applied research whose theoretical assumptions are anchored in Translation Studies (ARROJO, 1992; SOBRAL, 2008) in interface with Bakhtin's (2003) studies on discursive genres. It had as its object of analysis the production process of a didactic material in Libras about *Convento da Penha* (Penha's Convent) that will be made available for the teaching of deaf students. Results show the need for interdisciplinary knowledge involving the field of translation, education, visual arts and audiovisual for the qualitative production of didactic materials in Libras.

**Keywords:** Libras. Convento da Penha. Teaching materials. Deaf student.

---

\* Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) por meio do Edital Universal 03/2017 que apoia o projeto “Produções Audiovisuais em Libras” (2018-2020).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [arleneincrivel@gmail.com](mailto:arleneincrivel@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [ademar.es@gmail.com](mailto:ademar.es@gmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [miriamsimoeses@hotmail.com](mailto:miriamsimoeses@hotmail.com).

## **Atravessamentos entre a educação bilíngue para surdos e a formação de tradutores e intérpretes de Libras**

Atualmente, alguns dos entraves para o avanço na educação bilíngue para surdos são: a) a escassez de materiais didáticos dos conteúdos escolares disponíveis em Libras acessíveis a professores e alunos como suporte à aprendizagem dos surdos, já que o recurso usado pela maior parte dos professores, o livro didático, é escrito em língua portuguesa. Desse modo, a aula expositiva interpretada para Libras é a única forma de acesso à informação; b) a presença do intérprete e a interpretação da aula para Libras, que nem sempre garante a apropriação dos conteúdos, pois a compreensão da sinalização requer que o estudante tenha o domínio de certos conhecimentos prévios, formados em sua experiência cotidiana, na interação comunicativa com outros sujeitos.

No bojo dessa discussão, inserimos as universidades que “possuem a vocação de se engajarem socialmente, problematizando e equacionando a própria sociedade” (MACIEL, 2010, p. 19). Acreditamos que a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – e aqui inserimos o curso de Letras-Libras - Bacharelado - possui potencial para oferecer ao graduando uma formação que não se limite ao estudo compartimentalizado de conhecimentos teóricos sobre a tradução, mas pautados na transdisciplinaridade. Nessa perspectiva, o processo formativo do curso deve levar o estudante a refletir sobre a teoria por meio da ação indissociável com a vivência prática, no enfrentamento dos problemas sociais, de questões éticas e políticas, as quais lhe exigirão a tomada de decisão para intervir e transformar a realidade com finalidade na melhoria das condições de vida das pessoas.

Diante do exposto, a problematização sobre a Educação Bilíngue para surdos atravessa o curso Letras-Libras, na medida em que os estudantes desse curso serão os futuros tradutores e intérpretes de Libras que terão de lidar com as tensões e demandas do contexto educacional, caso atuem nessa área, depois de formados. Eis, portanto, o ponto de partida para este estudo, que tomou como eixo norteador as seguintes perguntas: como elaborar um material didático para alunos surdos do Ensino Fundamental I que ainda estão em fase de apropriação da Libras? Que recursos utilizar para produzir um material audiovisual que ajude na contextualização de conhecimentos prévios e/ou da experiência cotidiana que sirvam de âncora para construção de representações mentais sobre determinado conteúdo?

Este artigo, portanto, objetiva descrever e refletir sobre o processo de produção de conteúdo digital em Libras para alunos do Ensino Fundamental I sobre um dos pontos turísticos mais importantes do Espírito Santo: o Convento da Penha. A escolha por esse conteúdo se deu

pelo fato de os professores surdos relatarem<sup>4</sup> que os livros de história possuem grande quantidade de texto escrito em português com muitos eventos, diferentes tempos e sujeitos históricos, constituindo-se num arcabouço de informações complexo para ser compreendido por um estudante surdo nessa etapa escolar. O relato, à época, nos levou à pesquisa e a constatação sobre a inexistência de materiais em Libras sobre a história do Espírito Santo.

À luz dessa descoberta, os professores pesquisadores e uma graduanda surda do curso de Letras-Libras, membros do grupo de pesquisa LISIT (Língua de Sinais, Interpretação e Tradução), em reunião de estudos aceitaram o desafio de produzir uma videoaula em Libras sobre o Convento da Penha pelo fato de o tema agregar saberes de diferentes campos (artístico, arquitetônico, histórico, turístico, geográfico). Desse modo, traduzir valores, conceitos e a cultura sobre o Santuário de Nossa Senhora da Penha consiste em revelar aos estudantes e à comunidade surda do Espírito Santo sobre diferentes agentes sociais e suas ações em determinado contexto histórico e social, as quais provocaram mudanças e permanências na vida do povo capixaba do século XVI até os dias atuais.

Quanto à natureza, esta pesquisa é classificada como aplicada e está empenhada em integrar os estudos da tradução apreendidos no curso de graduação em Letras-Libras na Universidade Federal do Espírito Santo a uma prática reflexiva que possibilite a recriação constante para voltar ao objeto e promover transformações efetivas na realidade socialmente construída.

Na condução deste estudo, apoiar-nos-emos na perspectiva dialógica da linguagem, em especial no conceito de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) em articulação aos Estudos da Tradução (ARROJO, 1992; SOBRAL, 2019, 2008). Assim, abordaremos de forma sucinta os pressupostos teóricos acima descritos e seguiremos para a descrição e análise da produção do vídeo didático em Libras.

### **Tecendo culturas por fios dialógicos vivos**

O estudo em questão tomará como referência os princípios teóricos dos Estudos da Tradução (ARROJO, 1992; SOBRAL, 2019, 2008) em articulação com os estudos da linguagem, notadamente o conceito de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003).

Para alguns teóricos (POPOVIC, 1970; PINCHUK, 1977; NIDA, 1993), a tradução pode ser definida como transporte de significados estáveis. Além disso, compete ao tradutor realizar

---

<sup>4</sup> Pesquisa com os professores surdos da educação básica da prefeitura municipal de Vitória.

uma série de procedimentos técnicos para transferir o significado de um texto de uma determinada língua fonte para um texto numa língua alvo.

Em oposição a essa concepção, Rosemary Arrojo, em seu livro *Oficina de Tradução: a teoria na prática* (1992) defende a tradução como um ato criativo de produção de sentidos em que o texto alvo é influenciado: a) pela leitura do texto fonte feita pelo tradutor e b) pelo contexto linguístico e extralinguístico em que o texto-alvo circulará. A autora assevera que “aprender a ler, significa, portanto, aprender a produzir significados a partir de um determinado texto, que sejam aceitáveis para a comunidade cultura da qual participa o leitor” (ARROJO, 1992, p. 76).

Nessa lógica, o texto traduzido será resultado de múltiplas leituras que o tradutor faz do texto de partida, a saber: a) da leitura feita a partir do texto fonte; b) do público-alvo; c) do contexto histórico e social em que o novo texto será inserido e d) das experiências, memórias e vivências do tradutor acerca do assunto e do estilo do texto a ser traduzido.

Adail Sobral contribui para aprofundar o debate acerca da tradução em seu livro “*Dizer o mesmo a outros: ensaios sobre tradução*” (2008), quando afirma que a tradução é uma prática que consiste em ver/dizer o mesmo com os olhos do outro. De acordo com autor, não se traduz textos e sim discursos que se materializam na língua em uso, nos acontecimentos da vida, nas práticas sociais.

Sobral concebe a tradução como ação de mediação entre culturas, “como atividade que cria conhecimentos ao tornar textos de uma dada cultura acessíveis a leitores de outras, com suas distintas valorações” (SOBRAL, 2019, p. 2). Para o autor, estudos sobre traduções reais revelam que não há traduções exitosas se estas estiverem voltadas unicamente para o autor ou para o leitor, mas “a tradução bem-sucedida é aquela que promove o encontro transcultural entre autor e leitor” (SOBRAL, 2019, p. 2).

Filiado aos estudos dialógicos da linguagem de Bakhtin e seu círculo, o autor defende que a tradução é uma interpretação legítima de um texto em uma determinada cultura que gera sua transposição para outra. Para ele,

A complexidade da interação tradutória advém do fato de essa atividade envolver, em vez de apenas um locutor tradutor e um interlocutor leitor, uma interlocução tradutor-autor e uma interlocução tradutor-leitor de que vem o discurso produzido. Dessa perspectiva, a transposição tradutória é uma complexa operação de mediação entre um autor (que se dirige a um dado leitor, de sua própria língua) e o público a que se destina a tradução (a que o autor não se dirige diretamente) nos termos das relações entre as duas línguas e duas culturas envolvidas. (SOBRAL, 2019, p. 3)

E, nesse processo de transposição de discursos, entendemos que o tradutor não pode manusear a linguagem e o sentido fora de um contexto e dos sujeitos que dela se apropriam. É preciso, portanto, observar quem diz, o que diz, a quem é dito, onde e como é dito, para que se possa produzir sentidos. Nessa lógica, concordamos com a ideia de que o resultado da tradução, ou seja, o novo texto criado a partir de um texto fonte é um gênero discursivo à parte, “que constitui vários outros gêneros que origina pelas mãos de um novo autor (ou coautor) um discurso que vem de outro discurso e que já tem um autor” (SOBRAL, 2008, p. 69).

Pensando sobre essas questões, tomaremos como base teórica o conceito de gênero discursivo, proposto pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Para ele, os gêneros são um conjunto de formas comunicativas (maleáveis e heterogêneas) construídas pela sociedade que, em diferentes épocas, permitem a interação entre os indivíduos. Os gêneros se constituem por meio de enunciados que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Adail Sobral, ancorado no conceito de gênero discursivo proposto por Bakhtin (2003), define a tradução como

[...] um gênero à parte, *sui generis*, um pós-gênero ou transgênero, porque é uma opção de recorte do mundo que recorta um recorte, um estranho gênero que constitui vários outros gêneros que origina pelas mãos de um novo autor (ou coautor) um discurso que vem de outro discurso e que já tem um autor. (SOBRAL, 2008, p. 69)

Significa dizer que, para se traduzir de uma língua para a outra, é necessário pensar o gênero atrelado ao seu contexto de produção, marcado por um tempo, um espaço e uma esfera ideológica determinados. Baseados nessas proposições, ao rascunhar as primeiras ideias sobre o projeto tradutório de materiais didáticos em Libras, tornou-se fundamental levantar uma série de questões: Qual o nível de linguagem do público? Que elementos visuais podem ser usados como ancoragem para a produção de sentidos? Qual mensagem se pretende transmitir? Que protocolo de edição seguir para se produzir um material didático em Libras? O vídeo será em versão bilíngue ou só em Libras?

À luz desses questionamentos, entendemos que ao se produzir um material didático em Libras para alunos surdos das séries iniciais do Ensino Fundamental, o foco não pode se restringir aos elementos linguísticos do processo tradutório, mas é preciso pensar no todo, isto é, em todos os aspectos que constituem esse material. Portanto, foi preciso considerar que: a) se

trata um instrumento pedagógico usado no processo de intelectualização de sujeitos; b) deve conter uma materialidade, uma arquitetônica consoante à cultura alvo; c) deve haver a transfiguração do discurso da cultura fonte para o público-alvo de outra cultura.

Guiados por essa reflexão teórica, estabelecemos alguns eixos norteadores para a tradução do vídeo, a saber: a) apresentação do conteúdo sobre o Convento da Penha de forma divertida e dinâmica; b) sistematização do conteúdo em partes para melhor compreensão do público; c) utilização de uma linguagem atraente e compatível ao nível linguístico da criança surda.

Tomando como referência o conceito de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003), pode-se dizer que a produção de um material audiovisual em Libras não se resume à tradução de um texto escrito para um texto sinalizado, mas na criação de outro gênero que será adaptado às condições específicas de interação do público que dele fará uso. Desse modo, essa tradução/recriação sofrerá alterações no estilo de linguagem, na seleção dos recursos lexicais e na construção composicional, determinadas pela situação de interação, historicidade e eventicidade.

### **Tradução: a teoria na prática**

Neste estudo, adotaremos os procedimentos metodológicos referentes à pesquisa aplicada que, segundo Gil (1999), executa teorias para resolver problemas concretos da sociedade. Esse tipo de pesquisa pode apresentar como resultado final produtos, processos e patentes, além de gerar novas tecnologias e saberes acerca do problema investigado. Nesse contexto, será desenvolvido o projeto experimental de tradução e produção de material audiovisual em Libras sobre o Convento da Penha, direcionado a alunos do Ensino Fundamental I. Quanto ao tipo de pesquisa, serão adotados os procedimentos relativos à pesquisa descritiva, pois descreverá todas as etapas de produção do material audiovisual e ao mesmo tempo inspirada na pesquisa-ação, de caráter intervencionista, em que o pesquisador altera, interfere no objeto pesquisador, porém sofre limitações pelo contexto e ética da prática (TRIPP, 2005). Nessa perspectiva, o conhecimento teórico gerado é resultado de um trabalho dialógico, em que as vozes dos sujeitos envolvidas atuam como mediadores do saber (SANNINO, 2011). Soma-se a isso o exercício intelectual e profissional de aliar conhecimentos teóricos e práticos estudados no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa, oferecido pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Com vistas a facilitar a descrição e reflexão sobre as diversas ações inter-relacionadas que deram origem ao material didático, sistematizaremos o desenvolvimento da pesquisa em três fases: a) pré-produção; b) produção/tradução e c) pós-produção.

### **a) Pré-produção**

A fase de pré-produção foi dividida em três etapas: a) pesquisa sobre o Convento da Penha; b) pesquisa sobre vídeos didáticos em Libras; c) produção de glosas. O primeiro passo para a construção do vídeo foi a pesquisa em fontes<sup>5</sup> documentais na internet sobre o conteúdo verbal a ser traduzido. De saída, destacamos que essa tarefa exigiu uma complexa operação de seleção de discursos materializados nas fontes encontradas e sua transposição para outro gênero discursivo (videoaula), o que requereu da tradutora a criação de um planejamento detalhado das subdivisões do tema, do plano de fundo, do tempo, do formato bilíngue e dos recursos digitais que iriam compor o material. Nesse contexto, o tradutor realiza uma leitura exotópica, assumindo um entre-lugar, pois

[...] o tradutor fica a meio caminho entre a cultura do texto de partida e a cultura do texto de chegada – texto que ainda não existe! Nesse tipo de leitura, vê-se/lê-se o sentido dos discursos levando em conta tanto a cultura e o período histórico de que surgiram como a cultura e o período histórico a partir dos quais se vê/lê e se traduz. (SOBRAL, 2019, p. 3)

A partir da leitura desses materiais, foi possível construir um roteiro textual com as principais indicações do material didático que seria construído. Alguns problemas encontrados nesta etapa foram: o grande volume de informações (históricas, artísticas, religiosas, turísticas) que precisavam ser sintetizadas. Inicialmente, foi produzido um roteiro, bastante detalhado, com a divisão do conteúdo em cenas temáticas: 01) apresentação visual do Convento da penha; 02) localização; 03) fundação; 04) construção; 05) capela; 06) ladeira da penitência; 07) templo; 08) turismo.

No segundo momento, selecionamos fontes audiovisuais cuja arquitetura dos vídeos guardassem semelhança com materiais didáticos em seus modos de produção, circulação e recepção. Em reunião de grupo de estudos, assistimos e discutimos um vídeo disponível no site

---

<sup>5</sup> Dentre as fontes selecionadas para pesquisa, citamos: páginas do jornal [gazetaonline.com.br](http://gazetaonline.com.br); [Conventodapenha.org.br](http://Conventodapenha.org.br); [capixabanaestrada.com](http://capixabanaestrada.com); [terceirapontenews.com.br](http://terceirapontenews.com.br), as quais estão devidamente registradas nas referências.



da TV INES<sup>6</sup>, *A vida em Libras: gerras brasileiras* e outro intitulado *Vírus Ebola*, disponível no canal Instituto Phala<sup>7</sup>, no *Youtube*. Em relação à leitura crítica do primeiro vídeo, chamou atenção a composição discursiva do tradutor surdo Everaldo Ferreira: uma sinalização lenta, clara e com vocabulário simples da Libras, constituindo um discurso essencialmente didático, que facilita a apropriação do conhecimento. No vídeo do Instituto *Phala*, percebemos o uso da tradução contextualizadora, em que o tradutor, não só apresenta o conceito, mas o explica em detalhes, bem como o uso de imagens ilustrativas que serviam como complemento ao texto sinalizado.

Selecionados os tópicos do roteiro, passamos à produção das glosas. De acordo com Souza (2010), glosa escrita consiste numa interlíngua, um português aproximado do modo de escrita da língua de sinais com substituições de enunciados por palavras-chave abrangentes com maior valor semântico e gramatical, que se mostra mais próxima da modalidade viso-gestual, viso-espacial e verbal da língua de sinais.

Quadro 1 – Texto em português e glosa em Libras

CENA TEMÁTICA 03: FUNDAÇÃO DO CONVENTO	
Texto em português	Glosa em Libras
Chega à capitania do Espírito Santo o irmão leigo franciscano, frei Pedro Palácios, fundador do santuário de Nossa Senhora da Penha.	<Homem nome Frei Pedro Palácios sinal cinto+barba, ele chegar Espírito Santo criar igreja>.

Fonte: elaborado pelos autores.

## b) Tradução do conteúdo para Libras

Nesta etapa, foi realizada a primeira versão da tradução para Libras (imagem 1) por parte da tradutora surda que fez suas escolhas linguístico-discursivas sem o apoio de outros profissionais (revisor ou intérprete de Libras). Chamaremos essa atividade de “filmagem-rascunho” a qual se tornou objeto de análise, reflexão e o ponto de partida para recriações posteriores. Utilizando o telefone celular, a tradutora gravou a tradução em sua residência, com o apoio de um *notebook* que mostrava o roteiro transcrito em glosas. Em seguida, editou a gravação no *software movie maker*, inserindo imagens usadas como ponto de partida para a explicação do texto sinalizado.

<sup>6</sup> A TV INES é um canal de TV que veicula conteúdo 100% acessível à comunidade surda. Por meio da Libras, legenda descritiva e locução transmite jornais e programas educativos via internet. [http://tvines.org.br/?page\\_id=1143](http://tvines.org.br/?page_id=1143).

<sup>7</sup> O Instituto Phala é um Centro de desenvolvimento para surdos sem fins lucrativos localizado em Itatiba-SP, com o objetivo de oferecer atendimento à saúde, educação, trabalho e assistência social às pessoas surdas da região. <https://www.youtube.com/watch?v=ZHwIeJ2G0c0>.



Imagem 1 – Filmagem-rascunho



Fonte: elaborada pelos autores (2018).

A partir da análise da filmagem-rascunho, foi possível destacar alguns problemas que a tarefa de produzir um produto audiovisual impôs. O primeiro é de que a sinalização em Libras parecia robotizada com movimentos das mãos e do corpo entrecortados por pausas; os sinais e as descrições imagéticas eram feitos sem tensão muscular (mãos moles); postura desalinhada, ombros encurvados, cabeça caída ora para a direita ora para a esquerda; alguns trechos eram confusos, indiciando uma mescla entre a estrutura sintática da Libras e do português. Constatamos que o olhar da tradutora se dividia entre a câmera e as glosas no computador, as quais se tornavam um centro controlador da sinalização da mesma, pois a tradução estava focada no transporte do significado do original para a Libras.

Acerca dessa intenção de se manter fiel ao original, Arrojo (1992, p. 12) esclarece que algumas perspectivas teóricas defendem “o processo de tradução como transporte de significados entre língua A e língua B”, acreditando ser o texto original um objeto estável (“transportável”, de contornos absolutamente claros), cujo conteúdo podemos classificar completa e objetivamente”. Contrariando essa concepção, a autora afirma que a tradução:

Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. (ARROJO, 1992, p. 44)

Com base nessas observações, entendemos que, no esforço para alcançar uma equivalência em relação às glosas, o texto sinalizado ficou sem naturalidade, espontaneidade, indiciando uma compreensão passiva, monológica que limitou a construção de uma tradução criativa, na medida em que desconsiderou a natureza da mensagem, o propósito do autor e do

tradutor e o auditório da cultura de recepção para quem estava sendo produzido o vídeo. Ademais, a prática de fixar-se às glosas e, em alguma medida ao texto fonte, trouxe como resultado outros dois problemas: duração extensa do vídeo (10'50") e uma sinalização excessiva.

Quanto ao uso da linguagem, foram usados enunciados informais, a fim de conferir um tom mais espontâneo, estabelecendo uma conversa com o telespectador:

Imagens 2 e 3 – Filmagem-rascunho

<b>Cena temática 01: Apresentação visual do Convento (primeira versão)</b>	
	<ul style="list-style-type: none"><li>- Olhem esta imagem. (pausa)</li><li>- Viram? O que é isso?</li><li>- Este é o Convento da Penha. O sinal é este.</li></ul>
	<ul style="list-style-type: none"><li>- Olhem esta imagem.</li><li>- Viram?</li><li>- O que é o Convento?</li></ul>

Fonte: elaboradas pelos autores (2018).

Embora a linguagem coloquial (imagens 2 e 3) tenha trazido personalidade, delineando um diálogo com o leitor, o uso das expressões “Vejam essa imagem”, “O que é isso?” se repetem de forma excessiva no vídeo, entrecortado por pausas, acaba por desnudar um certo amadorismo e falta de coesão discursiva (pobre em variação lexical) ao texto sinalizado. A forma sugerida para evitar o uso abusivo desses enunciados foi substituí-los por comentários descritivos do local, conforme será explicitado na análise da terceira versão do vídeo.

Na reunião sobre a avaliação da tradução, nos debruçamos sobre as questões apresentadas em busca de soluções coletivas para tais problemas. Após o debate, as sugestões culminaram nas seguintes decisões: a) sintetizar as informações de cada cena temática; b) usar a glosa como um suporte para seguir o roteiro de cada cena temática, contudo a performance do texto sinalizado

deve exceder à glosa; c) inserir informações contextualizadoras e descritivas para evitar o uso abusivo de expressões repetidas na sinalização; d) controlar a postura do tronco, ombros, cabeça e mãos, demonstrando segurança e evitando o relaxamento do tônus muscular; e) substituir o uso excessivo de sinais e datilologia por descrições imagéticas como forma de construir uma encenação performática da ação narrada. Desse modo, a reflexão realizada em equipe, exigiu o desafio de uma *retradução*, isto é, uma recriação da tradução já realizada, permitindo à tradutora surda explorar outras possibilidades de uso de sua própria língua.

Na retradução bem-sucedida reina uma abundância específica: riqueza da língua, extensiva ou intensiva, riqueza da relação com a língua do original, riqueza textual, riqueza significativa, etc. De fato, a grande tradução nos impõe um outro discurso sobre a tradução além do, tradicional, da perda: o discurso da abundância. Essa abundância surge primordialmente da reiteração que constitui a retradução. E tanto as primeiras traduções são “pobres”, marcadas pela perda, quanto a grande retradução se posiciona sob formas diversas sob o signo da profusão superabundante. (BERMAN, 2017, p. 266)

Imagem 4 – Primeira apresentação ao aluno na escola



Fonte: elaborada pelos autores (2018).



Outras contribuições, para além dos discursos dos pesquisadores, somaram-se à arquitetura do vídeo em Libras. No decorrer da pesquisa, surgiu uma oportunidade de visitar o CAS-Vitória (Centro de Atendimento ao Surdo) e coletar as impressões de leitura do público-alvo. Na oportunidade, a segunda versão da tradução foi apresentada a um professor e um aluno surdo do Ensino Fundamental I (imagem 4). A partir do diálogo com esses leitores, foi possível confirmar um dado já evidenciado em pesquisas do campo educacional ao constatarem que os alunos surdos chegam à escola sem o domínio da Libras (GOLDFELD, 2002; QUADROS, 2004; LACERDA; ALBRES; DRAGO, 2013). Desse modo, o aluno surdo mostrou dificuldade de compreender informações construídas com sinalização e reteve apenas o conteúdo que foi apresentado por meio de descrições imagéticas. O professor surdo relatou que em suas aulas usa

poucos sinais e intensifica o uso de performances, encenações e classificadores. Para ele, era preciso adaptar o material ao nível linguístico do aluno, pois o texto sinalizado estava muito longo, com muita informação e sinais desconhecidos pelo estudante, que estava em processo de apropriação da sua primeira língua. Por outro lado, o professor elogiou a iniciativa de produção de um vídeo em Libras. Ele afirmou que nunca havia assistido a um vídeo sobre a história do Convento em Libras.

A partir da reflexão sobre as interpretações do público-alvo sobre o material, vimos a necessidade de uma terceira versão da tradução, com a recriação dos enunciados para se alcançar sua função social: um recurso pedagógico atraente para alunos e professores, a fim de facilitar a apropriação de conhecimentos escolares. O relato do professor, somado à mediação de leitura dele junto ao aluno surdo, reforçou em nós a preocupação em dar ênfase à Libras, pois esta é fundamental para seu desenvolvimento linguístico e educacional (DEUS, 2011). Nessa perspectiva, decidimos abandonar a ideia de construção do vídeo em versão bilíngue e manter somente a tradução para Libras.

Após o diálogo com público-alvo, realizamos uma nova reunião para pensar sobre as reformulações na feitura do material didático. Desse modo, foram eleitas algumas escolhas tradutórias em relação às linguagens verbal e visual na terceira e última versão do vídeo, sobre as quais comentaremos alguns trechos a seguir.

Imagens 5 e 6 – Terceira versão – videoaula: Convento da Penha


<b>Cena temática 01: Apresentação visual do Convento</b>	
	<p>- Olá!                      - Meu nome é M... Vou mostrar para vocês algo sobre a história do Espírito Santo. Vamos conhecer?                      - No alto de uma estrada inclinada, rodeado pela mata atlântica está o C-O-N-V-E-N-T-O D-A P-E-N-H-A. Este é o sinal.</p>
	<p>- Num lugar maravilhoso, avistamos, no alto do morro, as belíssimas formas do Convento. Mas ao chegar lá, o que vamos encontrar? Seria um local para dormir? Não. Eu vou explicar para vocês. As pessoas vão ao Convento para fazer suas orações e adoração, pois é um santuário religioso construído pela igreja católica.</p>

Fonte: elaboradas pelos autores (2018).

Já de início, a linguagem coloquial, em tom de conversa (“vamos conhecer?”/“o que vamos encontrar? Seria um lugar para dormir?”), foi mantida para dar personalidade ao discurso.

Outra mudança significativa foi a substituição das expressões “veja a imagem”, “o que é isso?” (da primeira versão) por enunciados descritivos (“No final de uma ladeira íngreme, rodeado pela mata atlântica”) que já constroem para o leitor a paisagem, o espaço natural onde está localizado o Convento.

Imagem 7 - Terceira versão – videoaula: Convento da Penha

<b>Cena temática 02: Localização</b>	
	<p>Do Convento, é possível visualizar duas cidades interligadas pela terceira ponte: a cidade de Vitória em uma extremidade da ponte e na outra a cidade de Vila Velha, onde está o Convento.</p> <p>Lá do alto, avistamos prédios, praias, navios, a circulação de pessoas na cidade e muito mais.</p>

Fonte: elaborada pelos autores (2018).

Para localizar geograficamente o Convento, a tradutora utiliza como referenciais espaciais (imagem 7): o tronco (o Convento), o antebraço (a terceira ponte), o cotovelo (Vitória) e a mão (Vila Velha) esquerdos. No enunciado seguinte, a mão se transforma no referenciador espacial do Convento (uma adequação coerente, já que o Convento está localizado em Vila Velha) e olhando, de cima para baixo, por cima da mão esquerda (lá do alto) descreve o cenário que pode ser avistado (prédios, praias, etc..).

Imagem 8 - Terceira versão – videoaula: Convento da Penha


<b>Cena temática 03: História sobre a fundação do Convento</b>	
	<p>O Convento foi criado há muito tempo atrás. Em 1558, o F-R-E-I-P-E-D-R-O-P-A-L-Á-C-I-O-S (o sinal é esse) chegou de caravela ao Espírito Santo. Ele foi o responsável pela fundação do Convento da Penha.</p>

Fonte: elaborada pelos autores (2018).



No que diz respeito à história, foi necessário resumir muita informação. Desse modo, a tradutora optou por dar ênfase ao tempo cronológico e ao representante religioso que ficou registrado como o fundador do Convento. Obviamente houve apagamentos de importantes sujeitos que participaram da construção do Convento como os índios e os escravos, mas a escolha tradutória foi influenciada em parte pelo texto-fonte (site do Convento), quanto pelas vozes dos pesquisadores e do professor surdo em relação ao tempo do vídeo e a necessidade de redução do conteúdo.

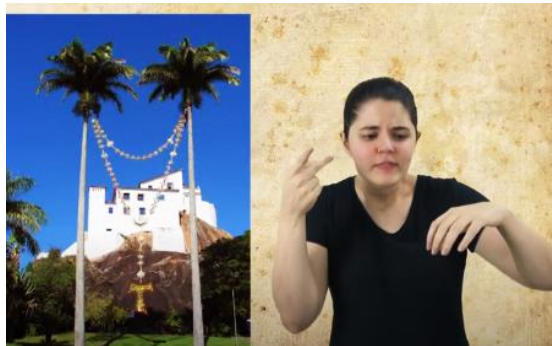
Imagem 9 - Terceira versão – videoaula: Convento da Penha

<b>Cena temática 06: Ladeira da penitência</b>	
	Em 1643, a ladeira da penitência, que é um caminho que dá acesso ao Convento, foi reformada e pavimentada com pedras. Antes disso, a ladeira não era calçada.

Fonte: elaborada pelos autores (2018).

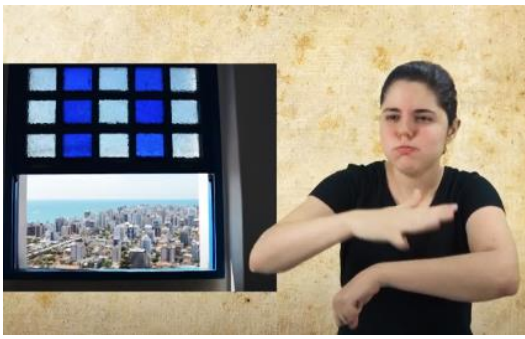
Neste trecho, a tradutora deu ênfase ao aspecto estrutural e arquitetônico da ladeira da penitência: o traçado da ladeira, indiciando o relevo inclinado do terreno (imagem 9); encena a ação de terraplanagem e assentamento das pedras na via. Na primeira versão, a tradutora esclareceu que todo o trabalho braçal foi feito pelos índios e pelos escravos. Lamentavelmente, esse trecho foi retirado da versão final.

Imagem 10 - Terceira versão – videoaula: Convento da Penha

<b>Cena temática 08: O Convento como espaço turístico</b>	
	Qual a importância do Convento da Penha? Ele é um local muito visitado por turistas que vêm de diferentes regiões do Espírito Santo e do país para conhecer as belezas da cidade, a paisagem natural, a imagem de nossa senhora da Penha e adorá-la.

Fonte: elaborada pelos autores (2018).


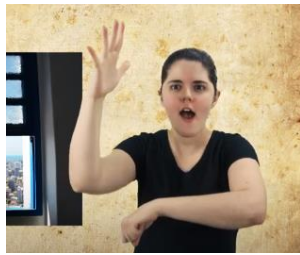

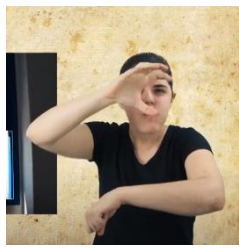
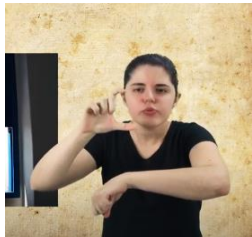
Imagem 11 - Terceira versão – videoaula: Convento da Penha

<b>Cena temática 08: O Convento como espaço turístico</b>	
	<p>No interior do Convento, há uma janela por onde avistamos a grandeza do mar, a exuberância da mata, a energia do sol, o céu enfeitado de nuvens, imortalizados num clique.</p>

Fonte: elaborada pelos autores (2018).

Ao explicar sobre o potencial turístico do Convento, a tradutora ressalta alguns atrativos do santuário: a contemplação da paisagem natural, o espaço sagrado para cerimônias religiosas dos católicos e a adoração à imagem de Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado do Espírito Santo.

Imagens 12, 13, 14, 15 e 16 – Enunciado poético que encerra a videoaula

<b>Enunciado poético que encerra a videoaula.</b>	
A grandeza do mar,	a exuberância da floresta,
	
A energia do sol,	o céu enfeitado de nuvens,
	
imortalizados num clique.	
	

Fonte: elaboradas pelos autores.



No último trecho, por meio de uma descrição imagética, a tradutora constrói a paisagem no espaço à frente do seu corpo. Ela condensa num enunciado poético “o mar e a mata/floresta” pela repetição da configuração de mão (CM – mão e dedos abertos) e do movimento (mãos tremulando). Os qualificativos são marcados pela expressão facial. Na parte superior, ela posiciona o sol, o céu e as nuvens por uma sobreposição gradativa de sinais com uma configuração de mão aproximada. O sinal de nuvem desce lentamente, da parte superior ao centro do espaço de sinalização e dá origem ao sinal de foto/clique.

### **Pós-produção**

Finalizada a etapa de filmagem da terceira versão da tradução, foi realizada uma reunião dos participantes do projeto com um graduando bolsista da área de cinema para a definição de aspectos referentes à estética dos vídeos. Feita a leitura crítica da tradução e, levando em conta os objetivos do projeto, a equipe optou por: a) usar preferencialmente fotografias como forma de estabelecer uma articulação semântica com o texto sinalizado; b) utilizar um plano de fundo que sugerisse um conteúdo histórico, por meio de folha de pergaminho envelhecida; c) executar cortes para que a duração do vídeo chegasse há aproximadamente cinco minutos (houve uma redução de 10’50” para 5’10”).

Concluída a edição do vídeo, o produto final revelou que, em alguma medida, conseguimos produzir um material didático em que a Libras é colocada em destaque, pois é a língua de instrução na explanação do conteúdo. Para além de se usar a Libras, procuramos adaptá-la ao nível linguístico de crianças surdas que estão em processo de apropriação dessa língua. O conteúdo foi organizado em cenas temáticas ancoradas pelas fotografias e imagens que marcaram a divisão dos temas, para que o estudante pudesse aprofundar o conhecimento de forma segmentada. Para não tornar o vídeo enfadonho, durante o planejamento e execução da tradução, foram feitas reduções significativas no volume de informações, ocasionando perdas e ganhos, pois toda tradução “é um contato que envolve tanto o acordo como o confronto, uma “negociação” específica entre dois diferentes, ou duas diferenças” (SOBRAL, 2019, p. 8). Se por um lado o conteúdo do vídeo se revelou mais generalista em comparação aos textos-fonte, por outro se tornou mais contextualizado na cultura do público-alvo.

Por fim, asseveramos que o vídeo em Libras sobre o Convento da Penha em momento algum foi pensado como uma ferramenta de autoaprendizagem, mas sim como um recurso auxiliar na construção do saber escolar. Seu uso não pode prescindir a mediação do professor, que não pode nem deve usá-lo como o único meio de estudos.

## Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo descrever e refletir sobre o processo de produção de um material didático em Libras, a fim de contribuir para a acessibilidade do estudante surdo e, ao mesmo tempo, construir um conhecimento teórico acerca da tradução desses objetos culturais. O conceito de tradução como *atividade transcultural* (SOBRAL, 2019), de *reescritura* (ARROJO, 1992), em interface com o conceito de gêneros discursivos de Bakhtin (2003) formaram o referencial teórico que norteou esta pesquisa.

Ancorado no referencial teórico citado, tomamos como eixo norteador as seguintes questões de pesquisa: Como elaborar um material didático para alunos surdos do Ensino Fundamental I que ainda estão em fase de apropriação da Libras? Que recursos utilizar para produzir um material audiovisual que ajude na contextualização de conhecimentos prévios e/ou da experiência cotidiana que sirvam de âncora para construção de representações mentais sobre determinado conteúdo?

Em relação à primeira pergunta, constatamos, ao longo da pesquisa, que a produção de materiais didáticos para surdos exige o domínio de uma complexidade de saberes linguísticos e extralinguísticos e a participação de diferentes sujeitos que impactarão diretamente o resultado final do produto. Nessa ambiência, o trabalho do tradutor se tornará mais eficaz na medida em que ele se colocar como leitor crítico de sua produção, bem como oferecê-la à avaliação de seus pares. Portanto, é necessário estar aberto às *contrapalavras* do outro, que fala de diferentes lugares sociais (o professor, o aluno, o técnico de audiovisual, o ilustrador, o designer gráfico, o revisor de tradução). Essas outras vozes são fundamentais para o tradutor solucionar problemas de tradução que surgem durante a feitura da obra.

A *retradução* é o momento mais produtivo e criativo do manejo com a linguagem verbal, pois é a possibilidade de transformar a primeira versão da tradução num novo enunciado, ajustado às condições de produção, circulação e recepção daquele produto verbal em uma determinada situação comunicativa. O ato de recriação/invenção será, portanto, o ponto de partida (e de chegada) de toda a prática tradutória pautada na *transcrição* de sentidos.

Acerca da segunda questão, percebemos a importância de atuar em duas frentes de trabalho que se integram para dar acabamento à obra. A primeira exige a leitura e o estudo do gênero discursivo a ser produzido na cultura-alvo, pois os enunciados, os recursos visuais, o tempo de duração, a seleção do conteúdo estarão diretamente ligados aos objetivos e ao público a quem se destina. A segunda demanda requer a aplicação de uma leitura-teste a ser feita pelo público-alvo do universo pesquisado, ou seja, colocar uma versão preliminar à prova pelos

sujeitos que se apropriarão do produto final; observar e ouvir suas percepções de leitura, a fim de avaliar os ajustes a serem feitos para que a tradução alcance os resultados desejados.

De acordo com Pagura (2003), diferente da interpretação simultânea, na tradução, o processo pode ser interrompido para consultas de documentos-fonte e especialistas para que o tradutor tenha melhor compreensão do conteúdo a ser traduzido. Ao compararmos a primeira e a terceira versão da videoaula em Libras sobre o Convento da Penha, acrescentamos que a tradução colaborativa, envolvendo diferentes sujeitos no processo, possui um potencial formativo mais significativo para o graduando (e também para egressos), na medida em que mobiliza saberes da teoria que são postos em confronto na prática, problematizado pelos sujeitos da realidade objetiva, num trabalho intelectual que promove a construção de novos conhecimentos sobre a atividade tradutória.

## Referências

ARROJO, R. **Oficina de tradução** - A teoria na prática. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERMAN, A. A retradução como espaço da tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n. 2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p261>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. **Conheça a história da construção do Convento da Penha**. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/especiais/2017/04/conheca-a-historia-da-construcao-do-Convento-da-penha-1014045902.html>. Acesso em: 4 jun. 2018.

BRASIL. **Conhecendo o Convento**. Disponível em: <http://Conventodapenha.org.br/conhecendo-o-Convento>. Acesso em: 4 jun. 2018.

BRASIL. **Convento da Penha - Cartão Postal ES**. Disponível em: <http://capixabanaestrada.com/2014/07/Convento-da-penha.html>. Acesso em: 4 jun. 2018.

BRASIL. **Convento da Penha: Patrimônio Histórico e Cultural do Capixaba**. Disponível em: <http://terceirapontenews.com.br/Convento-da-penha-patrimonio-historico-e-cultural-do-capixaba/>. Acesso em: 5 jun. 2018.

BRASIL. **Freis que fundaram o Convento em Vila Velha chegaram ao Espírito Santo em 1591**. Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2011/04/noticias/especiais/festa\\_para\\_nossa\\_senhora\\_d\\_a\\_penha/2012/830238-freis-que-fundaram-o-Convento-em-vila-velha-chegaram-ao-espirito-santo-em-1591.html](http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2011/04/noticias/especiais/festa_para_nossa_senhora_d_a_penha/2012/830238-freis-que-fundaram-o-Convento-em-vila-velha-chegaram-ao-espirito-santo-em-1591.html). Acesso em: 6 jun. 2018.

DEUS, M. de L. F. de. **Surdez**: linguagem, comunicação e aprendizagem do aluno com surdez na sala de aula comum. 2011. Disponível em:

[www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp.../Maria-de-Lourdes-Fonseca.pdf](http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp.../Maria-de-Lourdes-Fonseca.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020.

DERRIDA, J. Des tours de Babel. In: GRAHAM, J. (Ed.). **Difference in translation**. Ithaca; London: Cornell University Press, 1985. p. 209-248.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos**: identidades, diferenças, contradições e mistérios. 2003. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. 5. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GIL, A C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LACERDA, C. B. F. de; ALBRES, N. de A.; DRAGO, S. L. dos S. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, p. 65, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a05.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MACIEL, L. R. Perspectivas para a universidade brasileira. **Participação**, v. 10, n. 18, p. 15-25, 2010.

NIDA, E. **Language, culture and translating**. Shanghai: Foreign Language Press, 1993.

OLIVEIRA, J. S.; SILVA, R. C. Equipe de tradução do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. de. (Org.). **Letras LIBRAS**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 93-111.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, v. 19, n. esp., p.209-236, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000300013>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PINCHUK, I. **Scientific and technical translation**. Londres: Andre Deutch, 1977.

POPOVIC, A. The concept of "shift of expression" in translation analysis. In: HOLMES, J. S. (Org.). **The nature of translation**: essays in the theory and practice of literary translation. Haia: Mouton, 1970. p. 78-87.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. 2004. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=50>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANNINO, A. Activity theory as an activist and interventionist theory. **Theory & Psychology**, p. 1-27, 2011.

SOUZA, S. X. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras Libras**. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SOBRAL, A. U. Da valoração intralinguística à transposição tradutória: uma perspectiva bakhtiniana. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. esp., 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/issue/view/3837/showToc>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SOBRAL, A. **Dizer o ‘mesmo’ a outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acesso em: 20 ago. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

### **Sobre os autores**

*Arlene Batista da Silva* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8153-5776>)

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); mestra em Estudos Linguísticos pela mesma instituição; especialista em Língua Espanhola e Cultura Hispânica pelo Centro de Ensino Superior (CESV); graduada em Letras - Língua Portuguesa pela UFES. É professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES.

*Ademar Miller Junior* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2860-0414>)

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor do Departamento de Línguas e Letras da UFES.

*Miriam Brito Simões* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8758-4296>)

Graduada em Letras-Libras - Bacharelado em Tradução e Interpretação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É tradutora e intérprete de Libras e português.

Recebido em setembro de 2020.

Aprovado em dezembro de 2020.